

“aqui a luz constrói os seus planos na mancha do silêncio e a noite fala às portas...”

Conchas, búzios e areias

RUI ALBERTO CARDOSO



Conchas, búzios e areias
Conchas, búzios e areias
Conchas, búzios e areias

CRÓNICA



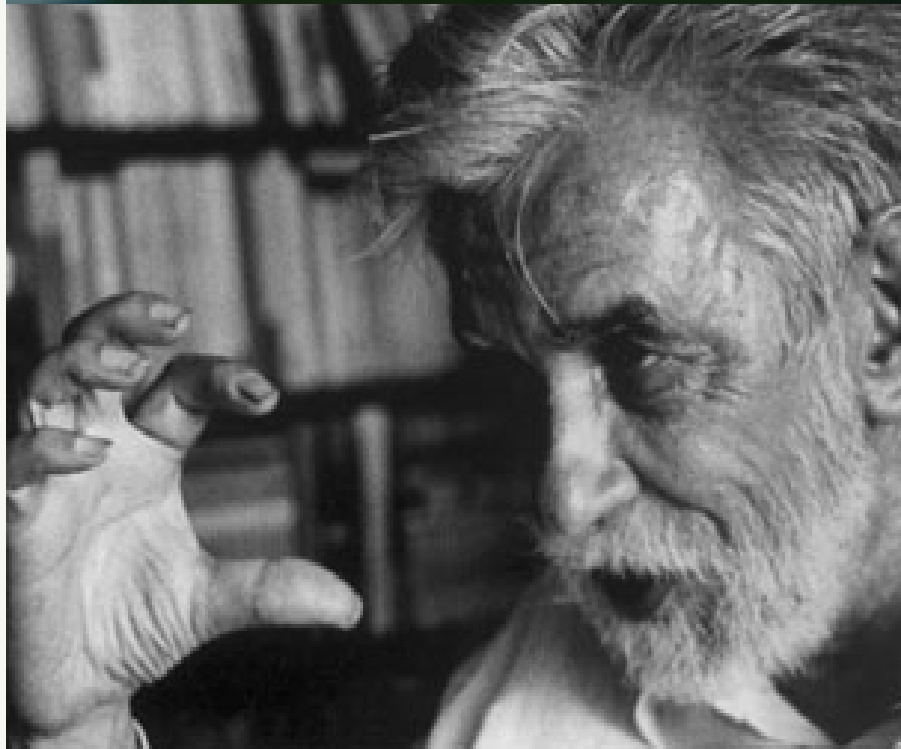
Saberei desejar passarinhos na palma da mão?

Numa entrevista antiga o poeta António Ramos Rosa desejou um passarinho pousar-lhe na palma da mão. Momento esclarecido de alegria por ser vivo em divisar alquimias tolherem mesmo difusas, emoções em pessoas que dão tanto de amor como eu ainda hoje lhe desejo. Um passarinho pousar na palma da mão... enterneço-me com este poeta eloquente nesse ensejo, nessa imagem de fluidez alegre submersa da felicidade soberana nos segredos mágicos rasgarem veemências por ser-se vivo para ter o mundo como amparo. Tento imaginar essa espécie de ápice feliz, tão raro, que só presenteia pessoas excepcionais que decerto sabem rasurar claridades na clarividência suficiente para outras almas que não conseguem serem tão solares, como eu. Na foto, o poeta num jardim onde só os poetas sabem traçar a perna, desejou a militância vigiada, profética lágrimas para oferecer teimosia em escrever porque se é assim mesmo. Frontal nas precariedades, tão teimoso nas palavras, tão escultor em cada aonde saber demorar-se, remoído nos instantes felizes mesmo que o univer-

so não resplandeça, teimoso no amor instável para clamar paciência que o alimenta de boi, apelar nomes desertos na humanidade resvalarem perdidos na conge-

nos destinos das palavras sofridas. É um poeta por um só Homem. Teima tresmalhar como lágrimas expressões singulares da nossa condição permanentemente refém dos desígnios. Nas suas palavras somos

humana, a violência num beijo, a mácula do deserto que é quase todo o nosso desejo. Por este poeta que prezo tão desavergonhadamente ainda hoje vivo dias fortuitos nas banalidades que



contemplo. Sinto-os agonias ignorantes por eu não saber desejar passarinhos na palma da minha mão. Sinto-os apesar do violino irromper das abóbodas dos túmulos térreos dos que amamos. Mas quando me sinto incompleto neste mundo dado, de cada vez que vivo o dia numa errância desajeitada, de cada vez que o percalço me faz olhar o céu e não ver os queridos, cada vez que vivo, por cada dia, menos descalço, de menos despedido para abraçar, tocar, beijar, desejar, leio este poeta António Ramos Rosa. Cada livro lido saio melhor pessoa. Entre sem sair por tudo com quase nada. Até conseguir um pássaro afagar-me a palma da mão numa pobreza risível. Até compreender ... Paço de Arcos, Março 2010

minação temporal em que vivemos todos. Mas este poeta afinal, só concebe a vida que vive em agradecer errâncias

pequenos com mãos alinhadas à espera que nos expliquem partes do universo senão, apenas a retorcida migalha de pão, a rugosidade em cada lágrima

com quase nada. Até conseguir um pássaro afagar-me a palma da mão numa pobreza risível. Até compreender ... Paço de Arcos, Março 2010